

Dinâmicas industriais e reestruturação do espaço urbano em Fortaleza/CE: formação de brownfields e refuncionalização do segmento produtivo têxtil

Industrial dynamics and spatial restructuring in Fortaleza/CE: brownfields' formation and textile space refuncionalization

Dinámicas industriales y reestructuración del espacio urbano en Fortaleza/CE: formación de brownfields y refuncionalización del segmento produtivo textil

Lucas Cesar Queiroz Nobre
Universidade Estadual do Ceará
lucas.queiroz61@gmail.com

Resumo

O presente artigo analisa as novas configurações da indústria no espaço urbano da metrópole de Fortaleza (CE) partindo do movimento de dispersão da indústria têxtil na cidade. Neste sentido, ao elucidar uma configuração produtiva fortemente ligada ao dinamismo do espaço urbano, as repercussões mais claras do encerramento das atividades industriais se mostram em Fortaleza através da realocação das funções produtivas e da refuncionalização destas áreas para outros fins, como comércio, serviços ou habitação; por vezes, o eventual abandono e degradação dos antigos espaços produtivos permite a conformação de *brownfields*, o que também deve ser abordado neste trabalho, temática igualmente inserida no contexto de uma reestruturação espacial patente na metrópole.

Palavras-chave: Reestruturação espacial; metrópole; indústria têxtil.

Abstract

The present article analyzes the new industry configurations in the urban space of Fortaleza (CE) through the dispersion movement of the textile industry. This way, by clarifying a productive configuration strongly linked to the urban space dynamism, the clearest repercussions of the factory closure are shown in Fortaleza through the relocation of productive functions and the refuncionalization of these areas for other purposes, such as commerce, services or habitation; sometimes the old productive spaces abandonment and degradation allows the conformation of brownfields, thematic also inserted in the context of a spatial restructuring evident in this metropolis.

Keywords: Spatial restructuring; industrial dispersion; textile industry.

Resumen

El presente artículo analiza las nuevas configuraciones de la industria en el espacio urbano de Fortaleza (CE) partiendo del movimiento de dispersión de la industria textil en la ciudad. En este sentido, al demostrar una configuración productiva fuertemente ligada al dinamismo del espacio urbano, las repercusiones más claras del cierre de las actividades industriales se muestran en Fortaleza a través de la realocación de las funciones productivas y de la refuncionalización de estas áreas para otros fines, como comercio, servicios o vivienda; el eventual abandono y degradación de los antiguos espacios productivos permite la conformación de *brownfields*, lo que

también debe abordarse en este trabajo de manera igualmente inserta en el contexto de una reestructuración espacial atuante sobre la metrópolis.

Palabras clave: Reestructuración espacial; metrópolis; industria têxtil.

Introdução

No atual período, que possui como marca maior a ocorrência de dinâmicas territoriais que implicam em uma integração global, nota-se que a indústria, a qual se constitui como a atividade econômica principal da produção de mercadorias, apresenta uma gama de novas características que a tornam apta a se inserir em meio a esta conjuntura. A expansão dos mercados e a sua internacionalização modificaram intimamente os processos de produção e, junto à introdução de novas e avançadas tecnologias, definiram uma reestruturação das formas de se produzir e comercializar. Acima de tudo, estas sensíveis transformações modificaram não só os antigos espaços produtivos, já estruturados e estabelecidos, como a escolha das novas áreas industriais, o que passou a compor um novo conjunto de esforços estratégicos de localização.

A metrópole, que sempre foi um ambiente onde essas mudanças causaram expressivo impacto, seja redefinindo os espaços construídos no intraurbano (VILAÇA, 2001), seja influenciando os rumos do crescimento regional, extravasando forças antes concentradas na grande cidade, passa a ocupar um novo papel no âmbito das atividades produtivas, que conforma relações bastante distintas daquelas estabelecidas até o momento. Por comandar os fluxos materiais e imateriais engendrados em escala global, a metrópole contemporânea é imperativa nas principais decisões econômicas e políticas da economia-mundo, além de ser uma clara representação das transformações decorrentes da reestruturação espacial (LENCIONI, 2006).

Fortaleza, neste contexto, além de capital do estado do Ceará, se apresenta como uma das mais importantes metrópoles da rede urbana brasileira, o que se deve ao expressivo tamanho de sua população, à grande diversidade de suas atividades econômicas, ao seu reconhecimento enquanto espaço de inovação em inúmeros aspectos, à sua configuração como um representativo nó de um conjunto de redes, e à concentração de importantes funções administrativas, de comando e gestão, tanto da esfera governamental quanto de grandes empresas privadas (SILVA, 2005). Desta forma, exerce relevante centralidade por drenar a maior parte dos fluxos materiais e imateriais (movimentos populacionais, investimentos, informações, ordens, etc.) empreendidos no estado do Ceará e na região metropolitana. Também apresenta relevante dinamismo no âmbito das atividades econômicas, com forte destaque para o comércio e os serviços, além da indústria.

Esta última, que em outras metrópoles brasileiras parece ter sofrido forte retração, em Fortaleza resiste e se renova de forma diferenciada, movimentando a geração de riquezas e abrindo novas frentes de emprego (PEREIRA JÚNIOR, 2015). O processo é renovado e, por outro lado, não pode esconder o desgaste sofrido pelas grandes fábricas de diversos ramos; mas também implica na abertura de novas empresas, estas vinculadas a uma reestruturação produtiva que demarcou o trabalho e a produção flexível em pequena escala, capitaneada por microempresas¹ que parecem se esconder na paisagem da cidade. Obviamente também há empresas de médio e grande porte que continuam estruturando o espaço urbano, dinamizando seus movimentos.

De uma maneira geral, as dinâmicas provenientes da indústria continuam definindo a produção do espaço urbano, onde significativa parcela das unidades produtivas se encontra entranhada e escondida nas ruas, avenidas e quarteirões dos muitos bairros da metrópole. Geram formas espaciais específicas de uma indústria que compartilha seu espaço produtivo com áreas residenciais e comerciais. Além da relevância que têm para a economia de Fortaleza, geram fluxos de trabalhadores e de mercadorias, exercendo ampla influência na configuração espacial urbana.

O mesmo ocorre, pela via inversa, a partir da retirada de determinados estabelecimentos industriais da metrópole, como é o caso dos gêneros têxtil e calçadista. Junto à massiva concentração fabril, este é um dos movimentos através dos quais as transformações espaciais em Fortaleza mais se fazem sentir. Ao atuar, principalmente, sobre empresas de grande porte, estruturadas na forma de enormes unidades fabris, as quais empregam milhares de trabalhadores, a dispersão deste segmento é uma clara tendência iniciada em décadas anteriores, a qual redimensiona substancialmente os processos produtivos, remodelando sua espacialidade.

Outrora um dos mais dinâmicos segmentos produtivos tradicionais em Fortaleza, tendo sido fundamental para a conformação de determinadas parcelas de sua dimensão urbana, o gênero industrial têxtil tem sua territorialização redimensionada a partir das recentes transformações. Deste modo, o presente artigo toma este segmento enquanto importante representante, em meio à metrópole, do movimento assumido pela reestruturação espacial a partir da dispersão da grande indústria, onde se objetiva realizar uma profícua análise de sua participação na recomposição do espaço de Fortaleza, tanto através da própria saída desta indústria quanto da implantação de novas perspectivas de uso do espaço que antes ocupava.

¹ A Lei Federal n. 9.8418, de 5/10/1999 informa que o porte das empresas pode ser dado de acordo com o faturamento e com o número de funcionários. Desta forma, estes critérios possibilitam a seguinte classificação: microempresa – faturamento anual até R\$ 244 mil, até 19 funcionários; pequena empresa – faturamento anual de R\$ 244.001 a 1,2 milhão, de 20 a 99 funcionários; média empresa – faturamento anual de R\$ 1,2 milhão a 35 milhões, de 100 a 499 funcionários; grande empresa – faturamento anual acima de R\$ 35 milhões e acima de 500 funcionários. Para a elaboração dos produtos desta pesquisa, nos utilizamos da quantidade de funcionários por empresa como parâmetro para a classificação.

As características da refuncionalização espacial da indústria têxtil em Fortaleza

A tendência à saída da indústria do espaço das grandes cidades é um fenômeno típico do fordismo e desde a década de 1950 transforma a paisagem urbana no mundo. Ele resulta do peso que assumiu a atividade produtiva para o arranjo urbano, principalmente a grande planta fabril, com seu movimento, resíduos e desgastes. Claro que a especialização funcional de zonas, uma filosofia comum ao período, também auxiliou na concepção de planos que estimularam os deslocamentos de fábricas para áreas distantes.

As consequências não são só econômicas, mas sobretudo, espaciais, com importantes transformações no quadro de ocupação das funções de certas áreas e uma reestruturação sentida pelos que ali vivem e trabalham. Em algumas vezes, como aborda Edelblutte (2009), essa refuncionalização, quando analisada em larga escala, pode passar despercebida, por sua lentidão. Porém, no decorrer do tempo, os efeitos sobre a organização do espaço são evidentes e a dispersão contribui para a recomposição dos objetos e de seu conteúdo. Ocorre então a perda das antigas funções e a introdução de novas, a alteração das formas e, por vezes, das necessidades que surgem a partir da implantação dessas funções (SANTOS, 1985).

Mais ainda, deve-se considerar que a dispersão estimula a construção de uma espacialidade específica, com uma expressão particular dos objetos na paisagem urbana, o que decorre do próprio modo como a atividade em questão perde sua força. Isso chama a atenção para a necessidade de percepção conjunta do global e do local na leitura desses fenômenos. Como explana Edelblutte (2009, p. 152),

Les modalités du déclin différent d'une branche industrielle à l'autre, notamment en fonction de la structure des branches ou de la situation des usines [...]; enfin, si ce déclin se traduit de façon variée sur les sites, il donne toujours naissance à de nouveaux paysages, fruits d'une nouvelle organisation spatiale, et donc à de nouveaux territoires.

No caso de Fortaleza, no âmbito da indústria têxtil, em sua primeira fase de implantação de fábricas no Centro da cidade por industriais que haviam prosperado em função do que acumularam com a venda de algodão, não se observava uma realidade urbana complexa; sendo um núcleo no qual inúmeras funções poderiam conviver sem tanto conflito, a proximidade se constituía mais uma vantagem do que um obstáculo. Assim, os estabelecimentos da indústria têxtil coexistiam em meio às residências, aos estabelecimentos comerciais, aos órgãos administrativos e às instituições financeiras que se localizavam no Centro da cidade. Devido à própria configuração que assumia ainda nas primeiras décadas do século XX, ganhar centralidade era estar próximo das principais funções urbanas.

O crescimento da cidade, a afirmação da sua condição de capital do Ceará e o aumento considerável da população, em especial, devido às fortes ondas migratórias ao longo do século XX, mudaram substancialmente esse quadro. De igual maneira, a importância que assumiu a indústria têxtil em Fortaleza, com novas e grandes fábricas chegando e ampliando sua produção, também não permitiria mais uma convivência não conflituosa em áreas centrais do espaço urbano. A indústria precisava de espaço e os investimentos foram se deslocando para zonas na cidade mais apropriadas à produção em grande volume, com terrenos baratos, capazes de suportar o fluxo de mercadorias e pessoas, e a poluição atmosférica, sonora e visual. A Zona Industrial da Francisco Sá², os bairros do Montese e da Parangaba e as proximidades do Porto de Fortaleza (Porto do Mucuripe) foram as áreas selecionadas para a instalação das unidades de produção.

Durante décadas a conformação espacial da indústria em Fortaleza assumiu essa organização. Apesar de uma produção manufatureira modesta ou artesanal ganhar uma territorialização mais dispersa, distribuindo oficinas ou unidades menores em diversos bairros da capital, instalar uma fábrica mais estruturada no espaço urbano fortalezense implicava em respeitar o zoneamento supracitado, sob pena de perder inúmeras vantagens das economias de escala ali oferecidas.

Essa coerência na relação entre espaço urbano e indústria predominou até os anos de 1980, ou seja, perpassou a fase dos empreendimentos familiares resultantes da riqueza gerada pelo algodão e contemplou também o período em que a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, através do Fundo de Investimentos do Nordeste – FINOR, estimulou o dinamismo industrial a partir do financiamento ao empresariado local ou nacional. Depois disso, e principalmente após a abertura econômica desencadeada pelo Governo do Presidente Fernando Collor de Melo, no início da década de 1990, o quadro se alterou e as transformações na macroeconomia rapidamente repercutiram na resistência da indústria têxtil cearense e na localização de suas fábricas no espaço urbano de Fortaleza.

A reestruturação produtiva, de gestão, de tecnologia e nas relações de trabalho foram evidentes, mas as transformações espaciais foram também incrivelmente marcantes, com alterações significativas nos circuitos de produção e a dispersão ou falência de empresas tradicionais, localizadas nos principais bairros industriais da cidade.

Podemos interpretar a refuncionalização dos espaços industriais têxteis em Fortaleza, como consequência das mudanças citadas, a partir de dois movimentos: 1) A falência de um número considerável de empresas, o que implicou em abandono dos sítios antes em funcionamento; 2) A

² Uma das mais antigas e importantes áreas de concentração fabril de Fortaleza, localizada no perímetro Noroeste da cidade, nos entornos da Av. Francisco Sá.

transferência das atividades produtivas de uma determinada empresa de uma área tradicional para outras áreas dentro ou fora de Fortaleza, sendo este último caso mais evidente a partir dos anos de 1990, quando diversos fatores implicaram numa metropolização dos investimentos industriais têxteis.

Dispersão da indústria têxtil: falências e transferências

Uma das particularidades da indústria têxtil tradicional no Ceará era a composição de seu capital, geralmente pertencente a uma iniciativa familiar ou o resultado de um conjunto de investidores locais. Sendo empreendedores advindos do setor comercial, sua experiência com a gestão fabril não era grande, o que resultava numa instabilidade para com os negócios. Desse modo, assim como identificamos várias indústrias têxteis nascendo no final do século XIX e se localizando no Centro da cidade, também constatamos, a partir Aragão (2002), que muitas delas logo fechavam suas portas, deixando ociosas suas plantas de produção.

Até a década de 1940, as empresas atuantes em Fortaleza adquirem amplo destaque frente à economia brasileira, exportando produtos, empregando grande número de trabalhadores na esfera local, estruturando as dinâmicas urbanas e gerando uma intensa acumulação de capital sobre a atividade, de forma que é apenas no decênio seguinte que passa a se noticiar, novamente, a falência de grupos empresariais e o fechamento de fábricas. Fatores como a concorrência com grupos empresariais têxteis do Sudeste e a dificuldade no abastecimento do algodão, segundo Aragão (2002), foi marcante para que se desencadeasse uma crise no gênero têxtil entre os anos de 1950 e 1960. Os empresários não conseguiam ampliar suas margens de lucratividade e, rapidamente, sua produção ficou onerosa, com maquinário velho, produtividade reduzida e pouca inserção no mercado para além dos consumidores locais. A falência de inúmeras empresas foi inevitável.

Assim, a decadência deste modo de organização industrial têxtil coaduna com a formação de uma nova espacialidade para o segmento. Muito embora as características que compuseram esta indústria durante sua primeira fase de expansão ainda se fizessem presente nas empresas que instalaram suas fábricas em Fortaleza a partir da década de 1960, é notável que a renovação e a recuperação passavam por uma nova configuração espacial.

No espaço urbano, a transição entre esses momentos se torna bastante evidente. Quem permaneceu no Centro e em seus arredores faliu, como é o caso de empresas como Santa Elisa, Santa Maria, Santo Antônio e a Usina Siqueira Gurgel. Por outro lado, desde a instalação, outras unidades resistiam e se reinventavam, como as empresas São José, José Pinto do Carmo, São Luís e da Fábrica de Bordados Mundica Paula, localizadas fora do Centro da cidade, especialmente nos bairros próximos a Av. Francisco Sá, bem como nas localidades de Granja Lisboa e Montese.

O fechamento das unidades, ao mesmo tempo em que evidencia a crise do segmento, também revela a desarticulação da primeira centralidade da indústria têxtil em Fortaleza. Para se renovar, foi preciso mudar de localização e deixar equipamentos vazios em pleno Centro da cidade, com a perspectiva de permanecerem fechados ou de serem rapidamente reocupados, através da implantação de novas funções.

A partir da década de 1970, as ações da SUDENE renovaram a capacidade competitiva de muitas empresas industriais têxteis em Fortaleza. Assim, sob um novo sentido de atuação, valendo-se da reestruturação de seus parâmetros produtivos, das novas perspectivas junto ao mercado e da intervenção de instituições governamentais, através de incentivos ao setor industrial, o gênero têxtil consolidou sua territorialidade no espaço urbano, destacando os bairros anteriormente citados. Contudo, passada a fase de estabilidade e prosperidade dos anos de 1970, o ciclo que se iniciaria com a crise da dívida externa, nos anos de 1980, e a abertura indiscriminada dos mercados, em 1990, voltou a atingir a competitividade do gênero têxtil, agora de forma mais decisiva.

Ao contar com forte apoio do Estado através de programas de financiamento e isenção tributária e por ser uma das indústrias que mais dificilmente se adaptou aos princípios de organização produtiva pós-fordista, o gênero têxtil também foi um dos que mais sofreu com a reestruturação produtiva e a globalização dos anos de 1990. Os choques foram decisivos e o empresariado desse segmento não estava preparado para tantas alterações, de maneira tão brusca. As falências foram as mais significativas já vistas em toda a história dessa indústria no Brasil. Foram poucos os que resistiram e mesmo assim tiveram que aprender a lidar com uma concorrência internacional que diminuiu consideravelmente suas margens de lucro.

Em Fortaleza, o processo teve um impacto emblemático e o espaço geográfico traduziu isso como poucas dimensões de materialização. A falência foi quase generalizada entre as mais fortes empresas e gerou o fechamento massivo de fábricas localizadas em bairros industriais consolidados, como é o caso daqueles cortados pela Avenida Francisco Sá, bem como a Parangaba, o Montese e o Antônio Bezerra.

Assim, podemos constatar que a dispersão da indústria têxtil pelo espaço urbano se estabeleceu como produto de uma gama de fatores locais e globais. A transição das diretrizes político-econômicas no Brasil e em nível internacional estimularam a indústria a adotar medidas de reestruturação das condições de gestão e de produção, introduzindo avanços tecnológicos, precarizando as relações de trabalho e alterando a gestão da empresa em âmbito geral. Por outro lado, implicações locais também corroboraram para alterações significativas, entre as quais poderíamos destacar os problemas de gestão das empresas, o falecimento dos proprietários e a

incapacidade de substituição de gestão adequada dentro da família³ e a incapacidade de se adaptar aos padrões flexíveis da nova produção industrial.

Pelos fatores elencados, a dispersão e a refuncionalização das plantas industriais em Fortaleza ocorrem com maior força a partir da década de 1990, aprofundando-se nos anos 2000. Mas o elemento fundamental e decisivo, em um contexto favorável como o elencado, foi a adoção de políticas de apoio a desconcentração industrial dos governos do estado de Ceará⁴. Como destaca Pereira Júnior (2015), a intenção dos planos industriais dos “governos das mudanças⁵” era levar a indústria para o interior do estado e não foram poucos os incentivos para que isso acontecesse. No entanto, no caso da indústria têxtil, o efeito foi muito mais metropolitano, consolidando a metropolização pela via dos investimentos industriais, timidamente iniciada nos anos 1980.

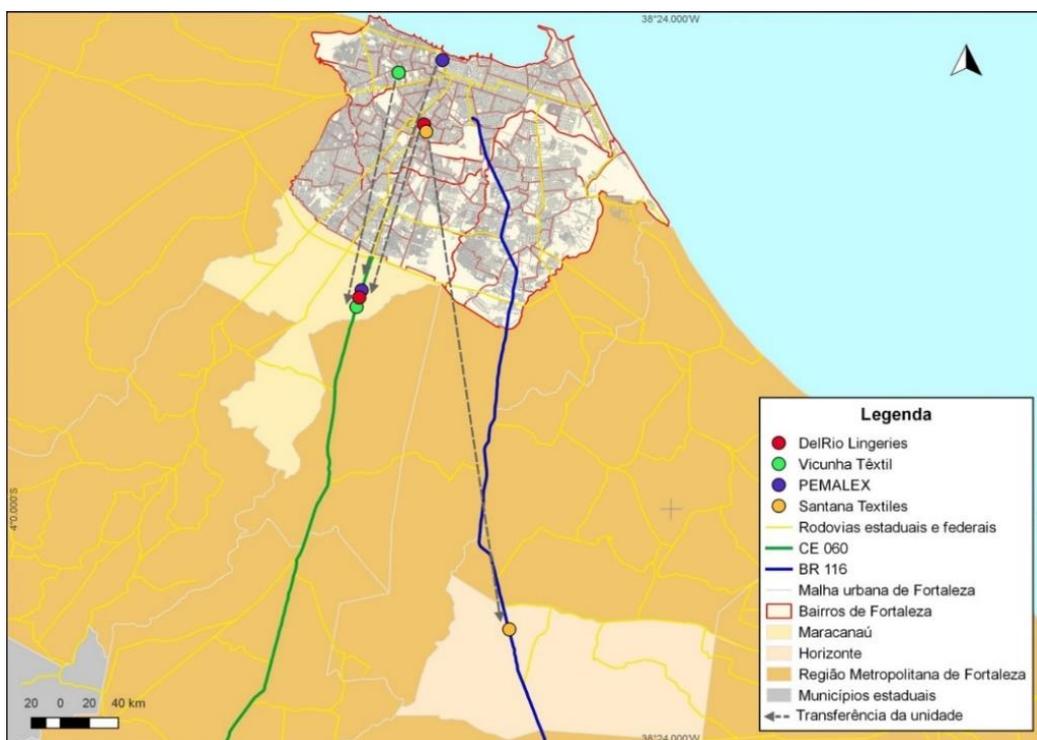
Embora alguns deslocamentos industriais tenham sido assinalados durante os anos 1970, os deslocamentos industriais mais significativos ocorreram no fim dos anos 1980. É nesse momento que as unidades de empresas como a Vicunha Têxtil, a PEMALEX, a própria DelRio Lingeries e a Santana Textiles deslocam seus maiores investimentos. O destino é a Região Metropolitana de Fortaleza, aproveitando as inúmeras vantagens oferecidas pelos subsídios estaduais e municipais e contornando as dificuldades de ainda manter fábricas de grande porte dentro de um espaço adensado como o da capital.

³ Muito embora distintas diretrizes de operacionalização do segmento têxtil tenham surgido nas fases expostas, determinadas características que se estabeleceram fundantes de sua atuação nunca foram plenamente rompidas. É o caso da organização empresarial em torno de um grupo familiar que ainda estão presentes em empresas como Thomaz Pompeu Têxtil, Têxtil Bezerra de Menezes, UNITÊXTIL e Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano, importantes conglomerados que atuaram sobre o segmento.

⁴ Cabe aqui rememorar a implantação de políticas como o Plano de Desenvolvimento da Indústria Têxtil, o FINOR e ações como ampla isenção de ICMS, as quais, em suas distintas formas de atuação, influíram ao mesmo tempo na criação de novas espacialidades para o segmento, no fortalecimento metropolitano de Fortaleza e na dispersão do segmento no interior desta metrópole.

⁵ O termo ‘Governos das Mudanças’ é comumente utilizado para se referir ao conjunto de administrações públicas cearenses de forte teor neoliberal que tiveram início com a chegada de Tasso Jereissati e de um conjunto de empresários componentes do Centro Industrial do Ceará (CIC) em 1986, marcando uma profunda guinada da economia do estado, sobretudo, durante os anos 1990.

Figura 1 – Transferência de unidades produtivas de grande porte para municípios metropolitanos



Fonte: Informações cartografadas pelo autor a partir de ARAGÃO (2002) e FIEC. Organização: Autor, 2018.

Como mostra a Figura 1, a Vicunha Têxtil, a PEMALEX e a DelRio Lingerie se instalam em Maracanaú, dinamizando o I Distrito Industrial do Ceará e sendo beneficiadas pelas inúmeras vantagens e concessões já comentadas. Por sua vez, a Santana Textiles se instala numa grande fábrica localizada no município de Horizonte, fortalecendo outro eixo de expansão industrial metropolitano. A Figura 1 deixa claro que as exigências de localização de grandes indústrias têxteis num momento de instabilidade econômica e de reestruturação produtiva, com uso de tecnologias de produção mais avançadas, agora passava pela ocupação metropolitana e por todas as vantagens que isso pudesse gerar. Era preciso reunir grandes superfícies de instalação a preço barato, boa infraestrutura à disposição, eixos rodoviários rápidos e bem articulados para o transporte de mercadorias e pessoas e uma fácil relação com a metrópole.

Quando se soma a isso as vantagens oferecidas por incentivos fiscais e a oferta de outras concessões pelas gestões estaduais e municipais, percebemos que o deslocamento e a dispersão industrial, pelo menos na região de influência direta da metrópole, praticamente já se impõem como regra de localização para o empresariado desse gênero produtivo.

Assim, o deslocamento industrial fortaleceu o processo de metropolização de Fortaleza (SILVA, 2005). A metrópole perdeu muito da sua funcionalidade industrial, mas não perdeu centralidade, muito pelo contrário. Boa parte das empresas que deslocaram seus processos produtivos para outros municípios, mantêm, nas antigas plantas, atividades ligadas à administração e gestão. Em algumas empresas o prédio foi alugado para escritórios de negócios ou assumiu outras funcionalidades.

Enquanto isso, na metrópole, o encerramento das atividades industriais deixa um conjunto de edificações que demarcam a paisagem de maneira notável. A cidade passa a lidar com uma de suas maiores dificuldades: garantir a reestruturação urbana a partir de uma mudança de função para com equipamentos que têm forte carga de inércia. Edifícios industriais, geralmente grandes e pouco flexíveis, não se articulam com outros equipamentos urbanos facilmente, ocupam muito espaço e dificultam a circulação rápida nos bairros da cidade. Exatamente aquilo que as cidades contemporâneas e pós-fordistas, com sua ânsia por fluidez e velocidade, não precisam. Assim, o conflito de uso é evidente. A polêmica com a reocupação mais ainda. Em determinados casos, os antigos fixos produtivos são abandonados, conformando uma paisagem de descaso, obsolescência e degradação que permanece por anos em meio aos antigos aglomerados fabris. Em outras ocasiões, a inserção de novas funções e, a partir disso, da reestruturação espacial em torno dos objetos se dá de maneira rápida, por vezes quase instantânea, estando sua conversão de pleno acordo com as demandas de uso do espaço urbano por inúmeras outras formas de investimento na cidade.

Espectros do abandono: os *brownfields* do segmento têxtil

Ao analisar a maneira pela qual a reestruturação espacial se faz sentir através dos recentes fenômenos atuantes sobre a indústria têxtil em Fortaleza, esbarra-se inevitavelmente na questão do abandono dos antigos ambientes produtivos. Dinâmica característica das metrópoles que passam por sensíveis alterações em sua economia, a formação de *brownfields* industriais alcança proporções muito mais notáveis em fins do século XX, com a consolidação do movimento de dispersão das unidades fabris. Sempre suscetível às transformações na conjuntura do funcionamento industrial, o segmento têxtil cria uma espacialidade de abandono própria, como se verá a seguir.

De modo geral, ao partir da premissa de que o fenômeno em questão se vincula diretamente à decadência do regime de acumulação fordista e à concomitante reestruturação econômica que assinala o período, alguns de seus exemplos mais claros dizem respeito às realidades europeia e norte-americana, onde se experimentou diferentes fases de desenvolvimento industrial e, assim, distintas perspectivas de espacialização industrial.

No Brasil, o processo que permitiu um amplo desencadeamento da formação de *brownfields* alia fatores como a inserção dos parâmetros de flexibilização produtiva da indústria, o processo de abertura econômica e o acirramento da competição internacional, todos somados ao processo de metropolização e a atuação das políticas econômicas em âmbito local – o que, ao coadunar com todo o contexto construído até o momento, favorece a compreensão de como Fortaleza se posiciona em meio a este movimento.

A partir da necessidade de uma leitura mais detalhada desse tipo de reestruturação espacial, podemos recuperar um pouco da bibliografia sobre a constituição de *brownfields* no espaço urbano. Em sua análise sobre a composição do fenômeno, Vasques (2006) sugere ir além da ideia inerente ao próprio termo, o qual, na denotação norte-americana, remonta à degradação das estruturas metálicas componentes das fábricas abandonadas.

Segundo a autora, em âmbito legal

O termo *brownfield* [...] foi inicialmente usado para distinguir-se dos chamados *greenfields* ou “campos verdes” que se referem às áreas agrícolas, florestais, parques e estuários naturais. A sua definição é encontrada na lei pública norte americana 107-118 (H.R.2869) como sendo “instalações industriais ou comerciais abandonadas, ociosas e subutilizadas cujo redesenvolvimento é complicado devido contaminação real ou percebida, mas que tem um potencial ativo para reuso”. (VASQUES, 2006, p. 2).

No que se refere às análises empreendidas por teóricos europeus, que tratam da configuração de um fenômeno semelhante no âmbito das funções espaciais, conquanto tenha ocorrência sob circunstâncias distintas e se refira a realidades particulares, Vasques (2006, p. 2) expõe que

[...] são encontrados termos sinônimos aos *brownfields*: *friches (urbaines et industrielles)* na França; *derelect land* no Reino Unido; em alemão, segundo Sanchez (2001,29) se utilizam os termos *sttstandorte* (antigos sítios industriais) e *attbastein* (carga ou peso do passado, herdada).

Por sua vez, Edelblutte (2009) favorece a presente compreensão do que venha a ser um *brownfield* a partir de sua explanação acerca dos *friches*. Inicialmente utilizados para se referir aos terrenos agrícolas que permaneciam sem utilização produtiva durante longos períodos, adquirindo aspecto de baldeação, o termo foi posteriormente empregado para se referir aos espaços ociosos em meio ao urbano, subutilizados em um contexto onde o uso de determinados elementos possibilita a

formação de dinâmicas espaciais: “*friches militaires, ferroviaires, commerciales, touristiques, etc.*” (EDELBLUTTE, 2009, p. 155).

Guardadas as distintas aplicações, é possível pontuar características comuns em meio às diferentes análises acerca dos *brownfields*. Logo de início, constata-se que, como figura enquanto uma oposição às funções socialmente estabelecidas, o vínculo de dependência para com o abandono se faz fundamental, é isto o que torna propícia a degradação de suas formas. Deste modo, levanta-se outro relevante apontamento: contanto que sua constituição parta dos fatores mencionados, um *brownfield* pode se configurar sobre objetos espaciais diversos, como minas, terrenos, lixões, portos, prédios comerciais e galpões ferroviários, por exemplo, não sendo necessário que este se perfaça apenas sobre as elaboradas construções de uma fábrica (EDELBLUTTE, 2009; VASQUES, 2006).

No que diz respeito à indústria, países de industrialização antiga, como Inglaterra, Alemanha, França e Bélgica, por exemplo, além dos Estados Unidos, fornecem bons exemplos dos mesmos. Nos Estados Unidos, por exemplo, a dimensão dos impactos ocasionados pela desconcentração do setor industrial no espaço se fez presente por décadas no cotidiano de uma série de centros urbanos. A partir do esvaziamento do *Rust Belt*, proporcionado pelas novas demandas de localização e pelo surgimento do *Sun Belt*, questões como o massivo desemprego e o notável declínio do coeficiente populacional fomentado pelas migrações se somaram às problemáticas de uso do solo urbano e à depreciação da paisagem.

Quando se trata da formação dos *brownfields* em meio ao intraurbano, as percepções negativas que se geram sobre os elementos degradados são sempre maximizadas, o que, decerto, deve-se à intensa dinamicidade sobre a qual se constitui essa parcela do espaço, intimamente vinculada às atividades sociais cotidianas. Neste contexto, um ambiente que anteriormente se caracterizava pelo movimento – manifesto na paisagem através dos fluxos de veículos de abastecimento de insumos e de escoamento de mercadorias, da entrada e saída de trabalhadores, dos ruídos e odores próprios ao processo produtivo, por exemplo – converte-se, a partir da retirada de suas funções, em um espaço de estagnação, que na maior parte das vezes é marginalizado e rejeitado pela população residente no perímetro (VASQUES, 2006).

Para tomarmos o caso da indústria têxtil de Fortaleza, se forem comparados os dados relativos à quantidade de unidades que encerraram suas atividades, seja através da falência, seja pela via da transferência, nota-se que o número de *brownfields* não é tão grande. No entanto, sua relevância é assinalada quando se observa que constituem marcos das transformações em pleno curso, onde determinados espaços são mais rapidamente absorvidos pelas demandas de uso que

outros, os quais se tornam obsoletos. Além disso, as fábricas têxteis em ruínas evidenciam, em meio à paisagem, a força sob a qual outrora atuou o segmento, constituindo rugosidades⁶.

Algumas particularidades da indústria têxtil de Fortaleza e da própria dinâmica espacial da cidade podem explicar, ao menos em parte, porque a formação de *brownfields* na capital cearense não ocorre na mesma proporção do que em outras cidades europeias ou norte-americanas, por exemplo.

Em primeiro lugar, devido às próprias características que suas formas assumiram sobre o espaço, principalmente no que concerne ao primeiro período de desenvolvimento da indústria têxtil local, em que o capital produziu uma espacialidade fabril de certo modo adaptada à expansão urbana. Muito próximas do Centro, ao serem desocupadas, as fábricas tinham uma rápida tendência à refuncionalização, o que foi ainda potencializado pelo dinamismo econômico sentido pelas áreas centrais da cidade. Em segundo lugar, no que se refere às micro e pequenas unidades fabris, pelo fato de ocuparem pequenas dimensões, normalmente vinculadas à residência de seus proprietários ou a pequenos pontos comerciais, quando perdem suas funções produtivas, não conformam espaços degradados, visto que são rapidamente reincorporados como parte do domicílio ou passam a receber novas atividades.

Assim, considerando as unidades produtivas têxteis de grande porte, outrora estabelecidas em Fortaleza, constatou-se a existência, no atual momento, de sete *brownfields*. Sua configuração estabelece um reforço à ideia de que, em Fortaleza, o fenômeno em questão se relaciona intimamente às alterações conjunturais ocorridas nas últimas três décadas, sobretudo. As empresas UNITÊXTIL, Ceará Têxtil e Master S.A Tecidos Plásticos (esta última detendo duas fábricas no bairro Vila Velha), abandonaram seus ambientes produtivos entre os anos de 1980 e 2000 e são as responsáveis por esses estabelecimentos. Por sua vez, as Fábricas Santa Maria e José Pinto do Carmo (atualmente, um terreno baldio), além da Fábrica Ceará Industrial, encerraram suas atividades nas décadas de 1950 e 1960 e suas plantas ainda estão desocupadas. Elas se localizam na Zona Industrial da Av. Francisco Sá ou próximo aos bairros da Parangaba e do Antônio Bezerra.

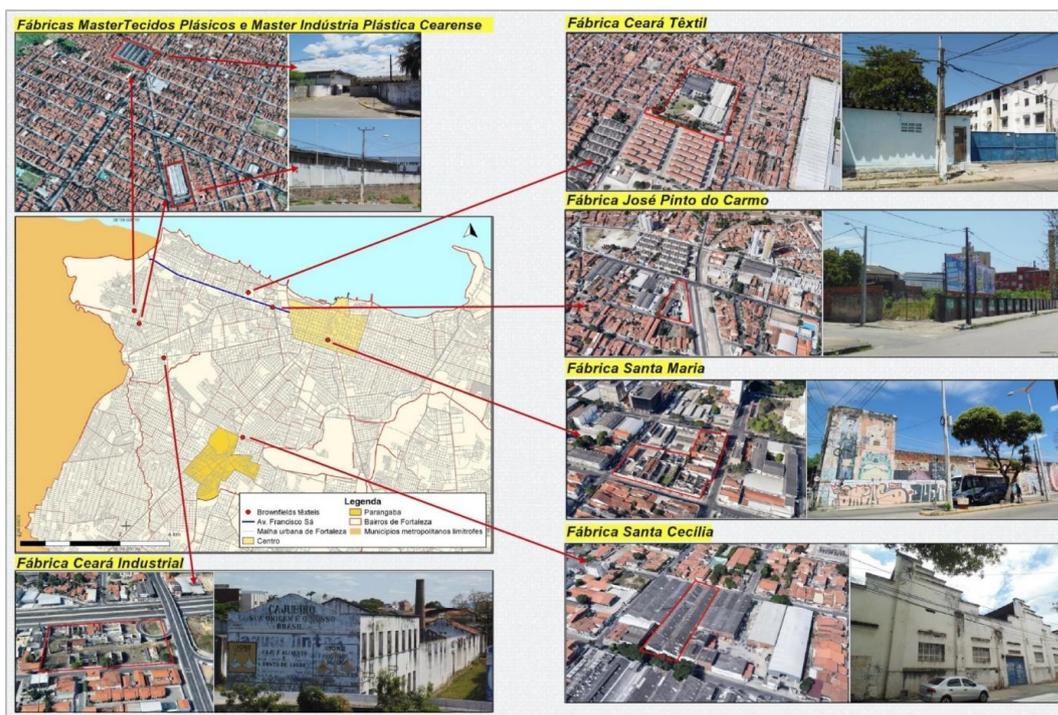
A Figura 2 apresenta uma demarcação, via Google Earth, dos *brownfields* da indústria têxtil no perímetro urbano de Fortaleza. Ao passo que, juntamente à demarcação do satélite (em vermelho) também são expostas as fotos das unidades degradadas, faz-se possível apreender as características assumidas pela decomposição de suas formas.

Como se pode notar, os fatores elencados por Edelblutte (2009), sobretudo concernentes ao período de instalação e de retirada das funções produtivas, que possuem forte peso sobre o grau de

⁶ Conceito cunhado por Santos (2017), as rugosidades são a expressão do tempo passado sob o espaço construído, no contexto das transformações que se fazem pujantes sobre o espaço, o que pode ser dito acerca dos *brownfields*.

deterioração das formas espaciais, agiram sobre a indústria têxtil de Fortaleza de maneira a diferenciar seus espaços de abandono. Isto se mostra de forma bastante clara quando se compara, por exemplo, o desgaste da infraestrutura – os muros e as chaminés em decomposição, a exposição gerada pela queda dos telhados, as estruturas metálicas corroídas pela ferrugem, a vegetação que permeia o espaço e etc. – de *brownfields* como os das fábricas Ceará Industrial, Santa Maria e José Pinto do Carmo, com aqueles de conformação mais recente.

Figura 2 – *Brownfields* do segmento têxtil em Fortaleza



Fonte: Google Earth/Autor. Organização: Autor, 2018.

No caso das duas primeiras unidades mencionadas, destacamos que sua instalação data das primeiras décadas do século XX (a Ceará Industrial é fundada ainda antes disso), e que a retirada de suas funções produtivas avança por mais de meio século, além do fato de que ocupam quarteirões inteiros ou grande parte destes em duas importantes vias de Fortaleza⁷. Isso assevera as características de seu abandono em meio à paisagem intraurbana. Ademais, tendo seu atual espaço ocupado por um amplo terreno baldio, a Fábrica José Pinto do Carmo, um mostruário das primeiras instalações têxteis na Zona Industrial da Av. Francisco Sá, expõe a incapacidade de reestruturação de significativa parcela do capital atuante no primeiro momento.

Em contraponto a este panorama, os *brownfields* das duas unidades da Master, da Ceará Têxtil e da Santa Cecília, por sua vez, não figuram entre os mais destacados na paisagem da cidade, se comparados aos das fábricas das empresas mais antigas. É possível que o tempo de abandono

⁷ A saber, as avenidas Mister Hull e Duque de Caxias, respectivamente.

justifique esse fato, pois essas empresas iniciaram suas atividades na segunda metade do século XX e sua desativação é assinalada entre os anos 1980 e 2000.

Diferentemente de como costuma ocorrer aos *brownfields* de outros gêneros produtivos, os quais, segundo a literatura acompanhada (EDELBLUTTE, 2009; VASQUES, 2006; VASQUES, MENDES, 2011) apresentam obstáculos à imposição de novos usos devido aos altos custos de descontaminação e de retirada dos resíduos que permanecem no sítio, a indústria têxtil, de modo geral, não elenca esta mesma natureza de empecilhos. Na verdade, a composição essencialmente endógena do segmento em Fortaleza, onde a indústria coexistiu durante muito tempo com extensa gama de outras atividades, dificultou a existência de uma legislação específica para sua espacialização. No entanto, percebe-se que, em determinados bairros da cidade, o mercado não apresenta suficiente interesse em absorver os antigos espaços devido à inexistência, em seu entorno, de fatores atrativos. Em outros casos, o significativo desgaste das formas impossibilita novos usos sem que antes haja um grande investimento em infraestrutura. Isso torna a refuncionalização uma tarefa dispendiosa.

Assim, deve-se observar o movimento de dispersão da indústria têxtil e o conseqüente abandono e degradação de suas formas espaciais, bem como as alterações sofridas por esses objetos, de maneira conjunta. O fim de determinada atividade econômica numa cidade, como essa em estudo, tende a gerar resíduos de forma e de conteúdo e isso não pode passar despercebido por planejadores, gestores e investidores do espaço urbano de Fortaleza. Também há uma vinculação da população local com a memória do lugar e isso está marcado nas formas pelas quais foram constituídas a cidade. Qualquer debate sobre refuncionalização do espaço urbano na capital cearense deve considerar esses elementos.

A refuncionalização dos tradicionais equipamentos da indústria têxtil em Fortaleza

Entendida no âmbito da presente análise como estágio posterior à dinâmica de dispersão da indústria têxtil de Fortaleza no percurso empreendido pela reestruturação espacial, a refuncionalização, como aborda Evaso (1999), refere-se ao conjunto de alterações qualitativas que se perfaz sobre o espaço construído a partir do sistema de valores, o que modifica, por conseguinte, o sistema material. Grosso modo, diz respeito à implantação de novos valores de uso sobre um dado elemento, ou seja, a imposição de novas funções aos objetos anteriormente designados a outras.

Sendo o objeto espacial a forma acrescida de um conteúdo, este último tendo a função como determinante de seu valor sistêmico no espaço (SANTOS, 2017), quaisquer transformações efetivas sobre seu valor de uso proporciona, de imediato, alterações também no conteúdo. Isto implica

diretamente na construção de outros contextos, onde os elementos antigos se adequam aos novos posicionamentos, parâmetros, formas, funções e conteúdos, o que também acontece de maneira inversa. Como síntese de toda a discussão empreendida nesta análise, a reestruturação espacial encontra nesta conjuntura um campo inteiramente favorável, visto que possibilita a renovação da materialidade e, no plano imaterial, favorece o reordenamento dos objetos. Como trata Evaso (1999, p. 34 – 35),

Tais acomodações requerem, às vezes, adequações por parte do espaço construído: demolições (supressões), reformas (superposições) e acréscimos (acumulações). No entanto, a cada contexto também corresponde um conjunto de critérios, que determinam o que demolir, reformar ou acrescentar, ou seja, estabelece um sistema de valores, de ordem cultural, social e econômico, historicamente coerentes.

As alterações a serem feitas nesse sistema de valores reordenam o conteúdo, atribuindo a cada elemento uma nova posição hierárquica, que é, essencialmente, de cunho funcional.

Assim, ao se levar em consideração que o ato de refuncionalizar resulta em transformar plenamente no modo como as atividades sociais, políticas, econômicas, culturais são engendradas, constata-se que os fluxos destas provenientes também são inteiramente recompostos: os postos de trabalho que surgem com uma empresa ou instituição pública, as rotas de trabalhadores, os influxos informacionais e as novas relações que passam a conformar o novo contexto, por exemplo. Mais uma vez, nota-se a íntima associação que todos os fenômenos tratados – o desvelar das dinâmicas têxteis em curso na metrópole, a dispersão do segmento, a fortuita formação de *brownfields* e a refuncionalização de seu espaço – estabelecem com o intraurbano. A partir da imposição de novos vínculos funcionais, tudo se modifica.

Ao passo que a refuncionalização elenca como alvo principal a função e, conseqüentemente, o conteúdo dos objetos, as alterações físicas não se fazem imprescindíveis para sua ocorrência. No contexto de que o espaço figura enquanto dimensão de impulso à acumulação e reprodução capitalista, cada esforço de reestruturação impetrado sobre ele leva consigo forte teor estratégico, mesmo que de maneira indireta. Assim, transformações no âmbito das formas apenas têm ocorrência quando se fazem vantajosas, ou seja, quando os novos valores de uso não podem se adequar corretamente às formas precedentes sem alterações.

A plasticidade, deste modo, constitui propriedade fundamental das formas no âmbito deste processo, concernindo em sua capacidade de adequação a distintos usos. Obviamente, determinados objetos a detém de maneira mais acentuada que outros, o que varia em perfeita consonância às novas funções estabelecidas. Em Fortaleza, as infraestruturas do antigo espaço têxtil decerto não possibilitariam, em um caso hipotético, a instalação de uma escola sem que antes a materialidade fosse severamente redefinida; no entanto, os galpões e pátios anteriormente empregados na

produção e no próprio escoamento de mercadorias se ajustariam mais facilmente ao armazenamento de cargas por parte de outra empresa – como comumente se constata. Como se averigua, uma mesma forma pode se fazer rígida ou maleável, de acordo com o valor de uso que lhe seja atribuído, o que torna a plasticidade um fator limitante à refuncionalização.

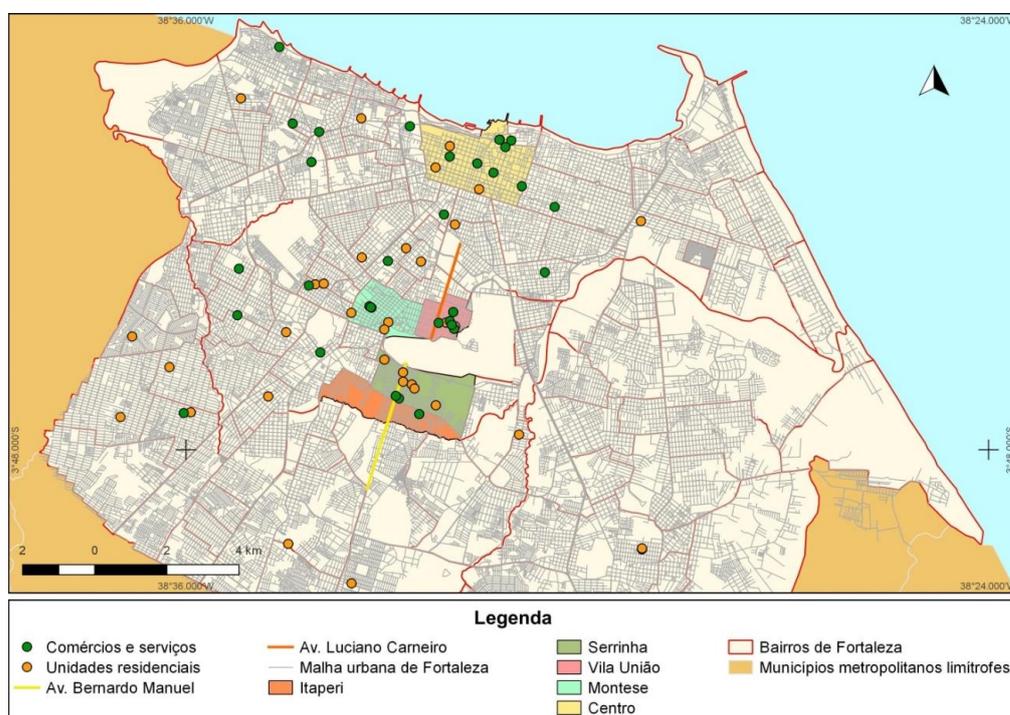
Os *brownfields*, que constituem neste sentido elementos desprovidos de conteúdo, a partir da retirada de suas atribuições funcionais, permanecendo no espaço enquanto formas que se degradam, como bem se sabe, são amplamente visados pela refuncionalização (VASQUES, MENDES, 2011), visto que sua possível readequação ao contexto espacial se vincula diretamente à reestruturação que se faz patente e, ao mesmo tempo, implica em novos usos do espaço pelo capital. Entretanto, é relevante ressaltar que o processo em discussão pode se estabelecer sobre qualquer objeto sem que se faça obrigatória a depreciação da esfera material, desde que haja a necessidade ou o interesse dos agentes atuantes em modificar a função.

De modo que a degradação das antigas formas do gênero têxtil em Fortaleza não conformou, mesmo no percurso histórico, uma realidade tão pujante no âmbito da espacialidade industrial, a refuncionalização que opera sobre o segmento desde o início de sua dispersão – também com atuação redimensionada nas últimas décadas – sempre se fez mais presente através da recomposição rápida dos usos, na maior parte dos casos não deixando lacunas temporais para a formação de *brownfields*. No entanto, existem evidências de que, por diversas vezes, as grandes fábricas têxteis degradadas, que por muito tempo notabilizaram seu abandono na paisagem, foram convertidas em outros objetos espaciais. Isto chama atenção para a importância de também se considerar estes componentes para a presente análise.

Neste contexto, os fatores que produziram uma espacialidade singular para o segmento também fizeram com que sua refuncionalização se distinguisse no intraurbano, tornando o ambiente mais propício a estas transformações e, no que concerne à paisagem, evidenciando ainda mais a dispersão têxtil. Questões ligadas, por exemplo, às distintas composições deste capital, ao porte dos estabelecimentos, às áreas privilegiadas como espaço de instalação fabril, à manifestação de sua materialidade através das infraestruturas, à maneira como os bairros do entorno se constituíram e às distintas abordagens de uso do solo que se perfazem sobre o intraurbano de Fortaleza, por exemplo, fizeram com que as antigas formas fossem mais rapidamente convertidas para abrigar novas funções e conteúdos.

O mapeamento exposto na Figura 3, construído com base nos dados da FIEC no ano de 1990, onde o movimento de dispersão têxtil se encontrava em pleno curso, possibilita compreender, a partir de uma comparação destes dados para com os de 2017, a ocorrência do processo de refuncionalização sobre o segmento. Ao considerar a atuação de unidades de micro, pequeno e médio portes, além das grandes fábricas, a espacialização das informações endossa a perspectiva apresentada de que a incorporação de novos valores de uso sobre os antigos objetos se faz estratégica no âmbito da reestruturação espacial, visto que remodela o ambiente construído pela indústria têxtil e, por conseguinte, a parcela do intraurbano por esta ocupada.

Figura 3 – Refuncionalização em 2017 das unidades têxteis de 1990



Fonte: FIEC. Organização: Autor, 2018.

Como discutido em todo o curso da explanação, muito embora no atual momento parte destas fábricas continuem a engendrar seus processos produtivos na metrópole, sendo acompanhados, por outro lado, por uma pequena parcela das unidades que, desprovidas de funções espaciais, permanecem sem uso e conformam *brownfields*, o processo de refuncionalização, como notável representação da reestruturação espacial, é preponderante sobre o segmento. Aproximadamente três décadas depois, verifica-se uma forte tendência à recomposição dos usos sobre os objetos na forma de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como de espaços de uso residencial, o que, decerto, implica na introdução de novos elementos sobre o intraurbano.

Refuncionalização em espaços de habitação

Ao assumir uma das mais aparentes facetas do fenômeno apresentado, a recomposição das funções espaciais dos antigos ambientes têxteis para os usos habitacionais revela, assim como quase tudo o que foi produzido por este segmento em Fortaleza, uma forte ligação à constituição intraurbana. Ainda observando o retrato que se permite desenhar a partir da Figura 3, embora a inserção de usos comerciais e de serviços sobre os antigos objetos angarie projeção muito mais notável no que concerne ao redimensionamento da economia urbana de Fortaleza, devido a uma série de fatores que serão apresentados, no âmbito quantitativo esta é superada – ainda que com diferenças numéricas não tão gritantes – pelos estabelecimentos que passam a atender integralmente às demandas residenciais.

Embora a distribuição dos diferentes pontos pareça, à primeira vista, excessivamente dispersa e amalgamada na malha urbana, em uma análise um pouco mais detida é possível perceber a definição de padrões na conformação espacial assumida pela refuncionalização, onde cada um dos diferentes usos se perfaz sobre alguns bairros de maneira mais forte que em outros. Ao se observar o perímetro Noroeste da cidade, constata-se que tanto a zona industrial da Av. Francisco Sá quanto a centralidade do bairro Antônio Bezerra apresentam mínimas ocorrências de residências que ocupam os antigos espaços têxteis, demarcados através dos pontos em amarelo, mesmo estas tendo sido algumas das áreas mais atingidas pela dispersão do segmento.

Mesmo sendo sabido que a falência das empresas e a transferência fabril da parcela têxtil de grande porte, nas últimas três décadas, tiveram repercussões severas sobre a configuração intraurbana, averigua-se, com certa surpresa, que a absorção de seu antigo espaço pelo tipo de refuncionalização em discussão é, no presente momento, inexistente. Sem dúvidas, isto se encontra delineado, sobretudo, pelas características que a localização têxtil assumiu; tendo constituição fortemente vinculada ao surgimento de uma série de bairros e conjuntos habitacionais operários, quando estas unidades não eram rapidamente incorporadas às demandas estabelecidas no local por conta da proximidade para com um determinado corredor comercial, igualmente não conformou prática comum sua absorção por parte do mercado imobiliário – ao menos inicialmente – visto que era desinteressante realizar grandes somas de investimento para a construção de prédios e condomínios nas áreas onde comumente estas fábricas estavam instaladas. Em confronto a este panorama, bairros como Serrinha, Vila União, Montese e Itaperi passaram a aglomerar em um mesmo perímetro um número bastante notável de pontos em amarelo, devido ao grande número de micro e pequenos estabelecimentos, fundados nos últimos dois decênios no século XX; tendo encerrado suas atividades anos depois, seu espaço agora servia ao uso habitacional.

Na fração das micro e pequenas fábricas, a perspectiva de refuncionalização em questão firmou suas bases sobre o mesmo fator que não permitiu que estes portes conformassem grande número de *brownfields*: as limitações de seu capital, evidentes em sua constituição infraestrutural e, conseqüentemente, em sua espacialização. Por perder capacidade de investimento e, correntemente, por não angariar condições de competição, o pequeno empresário desativa a produção empreendida ou em sua própria residência ou em um estabelecimento alugado sem que haja grandes custos, dando curso de forma bastante rápida à alteração das funções espaciais. As formas que se revelam em meio ao espaço refuncionalizado evidenciam a limitação deste capital e, dentro das características apresentadas, a tendência à implantação destes usos sobre os objetos.

Refuncionalização em estabelecimentos comerciais e de serviços

Sendo a refuncionalização do espaço têxtil para o atendimento de demandas voltadas ao consumo de mercadorias a outra faceta deste fenômeno, observa-se que sua ocorrência se faz muito mais pujante, no que diz respeito à redefinição da dimensão intraurbana que, propriamente, o uso deste mesmo espaço para a criação de unidades residenciais; no entanto, reitera-se a relevância que este último uso adquire na metrópole, sem o qual não seria possível compreender a atual conjuntura da reestruturação espacial.

Ao passo que tanto as formas quanto as funções são redefinidas para a que os objetos exerçam um novo posicionamento sistemático de suas ações frente ao espaço no qual se inserem (EVASO, 1999), e considerando ainda que estas novas funções se referem a atividades econômicas que angariaram, no plano do desenvolvimento histórico de Fortaleza, status de elementos extremamente relevantes para a composição urbana, assim como ocorreu com a indústria, a refuncionalização em questão adquire destaque por proporcionar um reforço à espacialidade já conformada pelo comércio e pelos serviços na metrópole. É assim, pela via da redefinição dos espaços de produção em espaços de realização do comércio/consumo que este fenômeno contribui, de sua maneira específica, para que as transformações características da reestruturação do espaço continuem a se fazer atuantes.

Como esforço de compreensão da maneira como age a presente perspectiva de recomposição das funções espaciais, uma primeira distinção entre esta e a anteriormente retratada se faz necessária. Enquanto que, no primeiro caso sua atuação se demarcava sobre as unidades produtivas das empresas de micro, pequeno e médio portes (sobretudo dos dois primeiros), a refuncionalização em espaços comerciais assume uma forte vinculação à parcela das grandes unidades têxteis outrora presentes em Fortaleza; conquanto algumas fábricas de menor porte já tenham sido

refuncionalizadas em ambientes de comércio e de serviços, suas repercussões espaciais são, comumente, menos expressivas.

O destaque efetuado sobre esta relação se deve ao fato de que, em ambos os casos, as distintas composições e formas de organização/operacionalização do capital têxtil favoreceram a criação de espacialidades específicas, como já deveras apresentado. Em consequência, as implicações mais claras disto estão circunscritas sobre a materialidade conformada e sobre a localização fabril, por exemplo, o que afeta diretamente o modo como novos agentes se apropriarão deste espaço para a implantação dos também novos valores de uso. Em síntese, a interação destes fatores recondiciona as possibilidades futuras de reprodução e acumulação do capital sobre o espaço.

Em Fortaleza, parte do êxito angariado por este fenômeno tem suas bases firmadas sobre o fator localização. De modo que determinadas parcelas do intraurbano configuraram fortes centralidades, estabelecidas sobre bairros inteiros ou sobre corredores comerciais conformados em vias específicas, a proximidade das unidades encerradas para com estas áreas figurava enquanto um amplo atrativo às novas possibilidades de uso. Assim, os ambientes anteriormente condicionados pela atuação de empresas têxteis de grande porte, as quais ocupavam significativas dimensões espaciais e detinham, em grande parte dos casos, vultosas somas em capital, foram adquiridos e refuncionalizados por empresas e grupos comerciais também de grande amplitude de atuação, implicando diretamente na alteração das formas.

Embora também se observem claros exemplos disto sobre outras áreas, é justamente nos espaços onde se nota uma forte centralidade comercial que a refuncionalização adquire as nuances de um fenômeno que contribui sensivelmente para a reestruturação espacial – evidente através da incorporação dos fixos por uma atividade que assume total controle sobre o perímetro – proporcionando a recomposição das hierarquias desenhadas no espaço a partir dos objetos (EVASO, 1999). Em áreas como o Centro e a Av. Luciano Carneiro, que exercem primazia sobre comércio e serviços, surgem alguns dos mais notáveis exemplos; nas proximidades de avenidas como Bernardo Manuel, Silas Monguba e a própria Francisco Sá que, embora não se mostrem eixos comerciais em sua completude, apresentam-se como importantes vias de passagem de Fortaleza, a refuncionalização também formulou amostras pujantes.

O Centro, junto aos seus entornos, tendo sido o primeiro perímetro a congregar as atividades têxteis e, posteriormente, uma de suas mais notáveis áreas de dispersão foi, talvez, um dos bairros de Fortaleza mais amplamente remodelados a partir do processo de refuncionalização. Estabelecimentos como o Colégio 7 de Setembro (Figura 4), instalado sobre o antigo prédio da pioneira Fábrica Progresso na Av. do Imperador e o centro automobilístico da empresa Gerardo Bastos (Figura 5) na Rua Princesa Izabel, conformado sobre o fixo antes ocupado pela Fábrica Têxtil Gasparian, conferem exemplos de como a recomposição dos usos se estabeleceu sobre o bairro e suas circunvizinhanças, modificando a dimensão intraurbana de sua atuação através dos novos fluxos possibilitados e das novas funções, formas e conteúdos implantados.

No que diz respeito à refuncionalização da indústria têxtil observada nos entornos da Av.

Francisco Sá, exemplos datados dos últimos

Figura 4 – Colégio 7 de Setembro, na Av. do Imperador



Fonte: Autor, 2018.

Figura 5 – Gerardo Bastos, na Rua Princesa Izabel



Fonte: Autor, 2018.

anos da presente década se mostram através da instalação de empreendimentos comerciais como o Centro Fashion Fortaleza (Figura 7), na Av. Filomeno Gomes, e o Shopping RioMar Kennedy (Figura 8), na Av. Sargento Hermínio Sampaio. Em ambos os casos, a retirada das funções produtivas das fábricas São José e Vicunha Têxtil, respectivamente, possibilitou a formação de *brownfields*, os quais permaneceram por anos enquanto formas degradadas em meio à paisagem antes de serem plenamente reintegradas ao contexto urbano, neste caso através da iniciativa de grandes empresas do setor comercial.

No âmbito das formas, a dimensão material de todos os estabelecimentos mencionados possibilita confirmar o que foi anteriormente mencionado acerca das características da refuncionalização destes espaços: por conta das grandes dimensões espaciais que ocupavam, além da composição de suas infraestruturas – considerando que a demolição das antigas e a construção de novas despende gastos exorbitantes – a implantação de novos empreendimentos apenas se faz possível caso realizada por empresas comerciais ou prestadoras de serviços detentoras de grande capacidade de investimento.

Figura 7 – Centro Fashion Fortaleza, na Av. Filomeno Gomes



Fonte: Autor, 2018.

Figura 8 – RioMar Kennedy, na Av. Sargento Hermínio Sampaio



Fonte: Autor, 2018.

Ademais, reitera-se que a análise empreendida no presente artigo teve como intuito central pormenorizar as principais repercussões espaciais da dinâmica de dispersão têxtil em Fortaleza – a formação de *brownfields* e a refuncionalização do segmento – através da explicitação de suas nuances sobre o espaço intraurbano, observando-as enquanto componentes *sui generis* da reestruturação que redefine e recondiciona a espacialidade da metrópole.

Referências

AMORA, Zenilde Baima. **As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste** (dissertação de mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **O fiar e o tecer: 120 anos da indústria têxtil no Ceará**. Fortaleza: Sinditêxtil, 2002.

EDELBLUTTE, Simon. **Paysages et territoires de l'industrie en Europe: héritages et renouvelaux**. Paris: Éditions Ellipses, 2009.

EVASO, A. S. **A refuncionalização do espaço**. Revista Experimental, n. 6, p. 33-54, 1999.

LENCIONI, Sandra. Reconhecendo metrópoles: território e sociedade. In: SILVA, Cátia Antônia da; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (orgs.). **Metrópole: governo, sociedade e território**. Rio de Janeiro: DP&A – FAPERJ, p. 41 – 57, 2006.

LIMA, Luiz Cruz. **A indústria na zona da Francisco Sá**. Fortaleza: Instituto de Geociências – UFC, 1971.

PEREIRA JUNIOR, Edilson. Dinâmicas territoriais no Ceará e na Região Metropolitana de Fortaleza - um olhar orientado pelo processo de industrialização. In: COSTA, Maria Clélia Lustosa; PEQUENO, Renato (orgs.). **Fortaleza: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital – Observatório das Metrópoles, p. 77-110, 2015.

SANTOS, Milton.. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. Editora da Universidade de São Paulo, 2017.

SILVA, José Borzacchiello da. A região metropolitana de Fortaleza. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia; DANTAS, Eustógio (orgs.). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

VASQUES, Amanda Ramalho. **O processo de formação e refuncionalização de brownfields nas cidades pós-industriais: o caso do Brasil**. In: II Jornadas de Geografía Económica, Salamanca, p. 1-12, 2006.

VASQUES, Amanda Ramalho; MENDES, Auro Aparecido. REFUNCIONALIZAÇÃO DE BROWNFIELDS. **Geografia: Ações e Reflexões**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.247-261, nov. 2011. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/igce/geografia/pos/downloads/2006/refuncionalizacao.pdf>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2018.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.